

## REPRESENTAÇÃO DE AVÓS MEDIADORES DE LEITURA EM OBRAS DE LITERATURA INFANTIL NO PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA

*Jéssica de Barros Franciscati\**, *Célia Regina Delácio Fernandes\*\**

### RESUMO

Este estudo busca representar, por meio de obras selecionadas pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), a relação entre avós e netos que, mesmo em diferentes faixas etárias, conseguem promover elos igualitários estabelecendo uma coeducação de gerações. Para tanto, analisaremos a obra *Por parte de pai*, de Bartolomeu Campos Queirós (2011), que pretende evidenciar como os personagens idosos/avós têm exercido o papel de mediadores de leitura em relação aos seus netos, e ainda elucidar como acontece esta partilha entre velhos e crianças. Busca, ainda, demonstrar em que medida a narrativa selecionada recupera a voz de velhos e crianças embasando como acontece esta partilha de saber, contudo sem desconsiderar as diferenças existentes na infância e na velhice.

**Palavras-chave:** Infância. Velhice. Programa Nacional Biblioteca da Escola.

### COEDUCATION OF GENERATIONS: REPRESENTATION OF GRANDMOTHER MEDIATORS OF READING IN WORKS OF INFANTILE LITERATURE IN NATIONAL SCHOOL LIBRARY PROGRAM

### ABSTRACT

*This study seeks to represent through selected works by National School Library Program (PNBE), the relationship between grandparents and grandchildren that even in different age groups can promote egalitarian links establishing a coeducation generations. We will analyze the work by his father's side, Bartolomeu Campos Queirós (2011), which aims to show how the elderly characters/grandparents have*

\* Mestra em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professora da graduação e pós-graduação na Fundação Atitude de Educação Continuada (FAEC). ORCID: 0000-0002-4569-5702. Correo eletrônico: jessicafranciscatti@hotmail.com

\*\* Pós-doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestra em Letras e licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora associada da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). ORCID: 0000-0002-2046-7244. Correo eletrônico: celiavernandes@ufgd.edu.br

*played the role of reading mediators in relation to their grandchildren, and further elucidate how happens this sharing between old and young. Search also show to what extent the selected narrative recovers the voice of old and children provide input as it is this sharing of knowledge, but without ignoring the differences in childhood and old age.*

**Keywords:** *Childhood. Old age. National School Library Program.*

## COEDUCACIÓN DE GENERACIONES: REPRESENTACIÓN DE LOS ABUELOS MEDIADORES DE LECTURA EN LITERATURA INFANTIL EN EL PROGRAMA NACIONAL DE BIBLIOTECA ESCOLAR

### RESUMEN

*Este estudio busca representar, a través de obras seleccionadas por el Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE), la relación entre abuelos y nietos que, incluso en diferentes grupos de edad, logran promover vínculos igualitarios, estableciendo una coeducación de generaciones. Por tanto, analizaremos la obra *Por parte del padre*, de Bartolomeu Campos Queirós (2011), que pretende mostrar cómo los personajes ancianos/abuelos han desempeñado el papel de mediadores de lectura en relación con sus nietos, y también dilucidar cómo este compartir tiene lugar entre ancianos y niños. También busca demostrar en qué medida la narrativa seleccionada recupera la voz de ancianos y niños, apoyando cómo se da este intercambio de conocimientos, pero sin desconocer las diferencias que existen en la infancia y la vejez.*

**Palabras clave:** *Infancia. Vejez. Programa Nacional de Bibliotecas Escolares.*

## 1 INTRODUÇÃO

Quis estudar o cotidiano de uma classe social que não é a minha, trabalhando com personagens que pouco contam nas representações dominantes da sociedade. Debrucei-me, portanto, diante do que é tido, como relegado, menor, irrelevante, ultrapassado, miúdo. Curvei-me, enfim, ao aprendizado com aquilo que a modernidade descarta. E aproximei-me de avós e netos. (OLIVEIRA, 1999, p. 13).

A preocupação com a velhice não é tema atual. Pensar a velhice, o estilo de vidas dos idosos e, sobretudo, a posição social que estes ocupam desde os primórdios inquieta filósofos e pensadores sociais, bem como, hodiernamente, teóricos literários.

Esta preocupação não é gratuita. Em uma sociedade capitalista e industrial, faz-se necessário refletir sobre a velhice e a infância, uma vez que são os períodos da vida em que quase ou nada se produz financeira e mercadologicamente.

Paulo de Salles Oliveira (1999, p. 31, grifo do autor) alerta para a maneira como nos referimos às crianças e aos idosos, inclusive no modo como empregamos os tempos verbais em relação a eles:

Hoje em dia, pergunta-se à criança o que ela *vai* ser quando crescer, um tempo verbal futuro. Indaga-se do idoso o que *fez* na vida ativa, o que foi quando em atividade, deslocando o verbo para o passado. Até mesmo gramaticalmente, vivemos, distraídos, a suprimir o tempo e a vida das pessoas. Para elas - e somente essas - inexistente presente: a criança vai ser, o velho já foi.

O estudo que se segue é a pretensão de unirmos a primeira e a última faixa etária da vida; no entanto, não em sentidos opostos, extremos, mas evidenciando pontos comuns em ambas as fases e salientando as mudanças sociais pelas quais elas vêm passando. Os idosos, que antigamente eram tidos como detentores de todo o conhecimento, agora cedem espaço aos mais novos. Por seu turno, os pequenos ganham mais vez e voz e assim constroem juntos uma relação de partilha de conhecimentos e de experiências, num vínculo cada vez mais igualitário.

Para Ecléa Bosi (1987), em seu livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, os valores e o conhecimento transmitidos de avós para netos permanecem imutáveis diante da ação do tempo. Trata-se de um elo mais forte e duradouro que as mudanças sociais.

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória. Enquanto os pais se entregam às atividades da idade madura, a criança recebe inúmeras noções dos avós, dos empregados. Estes não têm, em geral, a preocupação do que é "próprio" para crianças, mas conversam com elas de igual para igual, refletindo sobre acontecimentos políticos, históricos, tal como chegam a eles através das deformações do imaginário popular. Eventos considerados trágicos para tios, pais, irmãos mais velhos são relativizados pela avó enquanto não for sacudida sua vida miúda ou não forem atingidos os seus [...] O que poderá mudar enquanto a criança escuta na sala discursos igualitários e observa na cozinha o sacrifício constante dos empregados? A verdadeira mudança dá-se a perceber no interior, no concreto, no quotidiano, no miúdo; os abalos exteriores não modificam o essencial. (BOSI, 1987, p. 31).

Para Bosi (1987), a transmissão de conhecimentos e experiências entre avós e netos acontece de maneira eficaz, pois não cabe aos avós nenhuma responsabilidade em relação à educação de seus netos. Deste modo, o saber é partilhado e não imposto às crianças, proporcionando uma troca mútua entre idosos e crianças:

O que é um ambiente acolhedor? Será ele construído por um gosto refinado na decoração ou será uma reminiscência das regiões de nossa casa ou de nossa infância banhadas por uma luz de outro tempo? O quarto dos avós, a casa dos avós, regiões em que não havia a preocupação de socializar, punir, sancionar nossos atos, mas onde tudo era

tolerância e aceitação. Aos avós não cabe a tarefa definida da educação ao neto: o tempo que lhes é concedido de convívio se entretém de carícias, histórias e brincadeiras. A ordem social se inverte: dos armários saem coisas doces fora de hora, o presente já não interessa, pois nem o netinho, nem os velhos atuam sobre ele, tudo se volta ao passado ou para um futuro que remonta ao passado: “Você, quando crescer, será como o vovô, que na sua idade também brincava de escrever...” (BOSI, 1987, p. 32).

A mesma harmonia é sentida em obras de mesmo cunho de diferentes autores. Em sua avassaladora maioria, as obras representam um ambiente calmo e passivo que só é “desordenado” pelas aventuras e aprendizagens compartilhadas por avós e netos.

Faz-se, então, necessária a apresentação do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), por ser o maior programa vigente a fomentar e distribuir obras literárias nas escolas, dentre as quais se encontra *Por parte de pai* (2011), de Bartolomeu Campos Queirós, lançado pelo programa no acervo de 2013, que norteará as reflexões que se seguirão neste trabalho.

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) oferta tais obras e as direciona às escolas como abastecimento anual de suas bibliotecas. Criado em 1997 pelo Governo Federal, tem como objetivo distribuir obras literárias nas escolas públicas tanto para que esses alunos tenham acesso à cultura, por meio de acervos constituídos por obras de literatura, de pesquisa e referência, quanto para que os professores possam se aperfeiçoar continuamente.

A distribuição dos livros é feita de maneira alternada: em um ano, são contempladas as escolas de Ensino Fundamental, anos iniciais, e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). No ano subsequente, são atendidas as escolas de Ensino Fundamental, anos finais, e Ensino Médio.

Cabe ao programa o abastecimento dos livros nas instituições públicas de ensino. Os acervos são compostos de obras tanto em verso quanto em prosa e ainda contam com publicações em quadrinhos, produções ilustradas, teatro antológico, etc. Há, também, o PNBE periódicos, espécie de manual informativo direcionado ao professor de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, que tem por objetivo apoiar a prática pedagógica dos professores da Educação Básica e também da Educação de Jovens e Adultos (EJA) por meio da distribuição de obras de cunho teórico e metodológico.

Hoje, o programa distribui gratuitamente as obras selecionadas para todas as escolas da rede pública de ensino cadastradas no censo escolar no Brasil.

Vale ressaltar a relevância desse programa nas escolas, pois o contato com um acervo literário diversificado propicia proficiência no aprendizado, melhor fluência na língua materna e, conseqüentemente, eficácia na escrita, de modo que, por meio do contato com as obras literárias, os resultados podem ser muito positivos em relação à formação de jovens e crianças.

Desse modo, as obras literárias ofertadas pelo PNBE nas escolas junto à leitura dos avós, que assim se tornam mediadores, permitem aos netos ainda pequenos que, de enredo em enredo, tracem um percurso rumo às novas histórias, descobrindo, no primeiro livro, inúmeras possibilidades, transcendendo, assim, de ouvinte a leitor.

Faz-se necessário, então, refletir não apenas sobre a relevância da leitura literária na formação dessas crianças, não somente enquanto leitoras, mas também enquanto cidadãos em potencial cujo senso crítico pode e deve ser nutrido pela literatura.

## 2 VELHOS E NOVOS DEMAIS: PAPEL SOCIAL DE IDOSOS E CRIANÇAS

Vovô sentou-se na beira da cama, pôs o chapéu e a bengala  
 Ao meu lado e perguntou por que é que meu pai estava  
 Judiando comigo. Para impressioná-lo melhor eu disse que  
 Era porque eu não queria deixar seu Osmúcio cortar o meu pé.  
 - Cortar fora?  
 Não era exatamente isso que eu tinha querido dizer, mas achei  
 Eficaz confirmar; e por prudência não falei, apenas bati a cabeça.  
 - Mas que malvados! Então isso se faz? Deixe eu ver. (VEIGA, 1986, p.  
 28-29).

Essa relação igualitária estabelecida entre ambas as partes junto ao desejo de descoberta das crianças torna-se canal profícuo para a mediação de leitura, uma vez que, como já mencionado nestes escritos, as histórias orais são os primeiros contatos “literários” dos pequenos. Portanto, é na vivência com os avós, ainda na infância, que as crianças têm contato não apenas com as primeiras leituras, mas também com toda dimensão social que essa prática representa:

Esse tratar de igual para igual inclui uma dimensão social. Os avós exercem uma prática educativa ao sopesar os acontecimentos e ao encarar em que medida modificam realmente o cotidiano. Não é uma questão simples; refere-se às relações entre teoria e prática, entre o pensar e o fazer, que sempre devem andar juntos se quisermos uma consequência profunda em nossos gestos [...] Tais ensinamentos não se aprendem na escola, muito menos no dia a dia fragmentado da vida familiar, cadenciado por relógios, cansaços e velocidade. (OLIVEIRA, 1999, p. 21).

Desejamos refletir sobre a relevância destes idosos enquanto mediadores de leitura e, sobretudo, salientar os benefícios da coeducação de gerações em uma constante e mútua partilha de saber. Paulo de Salles Oliveira (1999) chama atenção para um saber distinto dos conhecimentos escolares, uma prática de ensino diretamente ligada à vida em sociedade. Para Bosi (1987, p. 31), trata-se de uma prática social:

O que poderá mudar enquanto a criança escuta na sala discursos igualitários e observa na cozinha o sacrifício constante dos empregados? A verdadeira mudança dá-se a perceber no interior, no concreto, no cotidiano, no miúdo; os abalos exteriores não modificam o essencial. Eis a filosofia que é transmitida à criança, que a absorve junto com a grandeza dos socialmente “pequenos” a quem votamos nossa primeira afeição e que podem guiar nossa percepção nascente do mundo. Depois esse tempo ficará o tempo subjacente, dominado, e mergulharemos no tempo da classe dominante que prepondera, uma vez que assume o controle da vida social.

É no convívio em sociedade que a criança vai se moldando enquanto ser social. Essas singelas memórias lhe farão companhia na idade adulta. A autora expõe ainda que é graças a essa “socialização” proporcionada pelos avós que não estranhemos fotos antigas, roupas que estão fora de moda, carros que não mais circulam, dentre tantas outras coisas (BOSI, 1987). Este saber construído sem pressa, sem cobranças, em um ambiente acolhedor, proporciona uma sede de saber que a instituição escolar não produz.

Outro aspecto digno de nota é o tempo hábil que os avós têm para relacionar-se com os netos. O ritmo de vida acelerado dos pais (isto quando os netos já não moram com os avós) atribui aos avós a responsabilidade de cuidar dos netos, ainda que seja por apenas um período. É neste tempo que os idosos e crianças conseguem partilhar seus conhecimentos. Novas histórias vão sendo contadas/ouvidas e, nesse tecer, de conto em conto, de caso em caso, surgem as primeiras histórias literárias.

Os anos letivos, por sua vez, contribuem com novas obras literárias conhecidas por meio da biblioteca escolar, que permitirão também aos netos serem agentes portadores de leituras para compartilharem com seus avós, construindo uma via de mão dupla de conhecimento. Nessa rotina, crianças e idosos partilham mais que saberes e leituras, partilham suas vidas. Essa convivência tão harmônica entre idosos e crianças acontece de modo mágico, pois a velhice é a única fase da vida onde o adulto já “vivenciou” as experiências do outro. Nas palavras de Brás (2013):

Citando o crítico norte-americano Tim Morris, especialista em literatura e cinema para crianças, João Batista Melo nos lembra, no final de seu livro, de algo muito importante, que raramente percebemos: “na relação de alteridade criança-adulto, ao contrário de outras dualidades humanas, como raça ou sexo, está o único caso em que é possível já ter sido o outro alguma vez”. E conclui: “isso já seria motivo para que houvesse maior abertura e compreensão por parte do mundo adulto em relação à infância”. Faço minhas suas palavras finais.

O mundo dos idosos contempla o mundo das crianças pelas retinas da saudade, rememorando aquilo que já foram, de certo modo, algum dia; enquanto as crianças admiram o mundo dos idosos com a esperança de ser como eles no futuro.

A Literatura Infantil, por intermédio de suas publicações, tem transcrito, ilustrado e rememorado essa correlação muitas vezes esquecida pelo mundo dos adultos.

Assim, tomamos de empréstimo a obra de Queirós para exemplificar a partilha de conhecimentos por meio das histórias contadas e como elas podem contribuir de maneira vantajosa para a formação das crianças, além de estreitar os laços afetivos entre avós e netos.

### 3 POR PARTE DE PAI: ENTRE O SILÊNCIO DAS PALAVRAS E O BARULHO DO SILÊNCIO

“‘Viver sem esperança é como ter casa sem janela’, escreveu meu avô, com letra miúda, perto da fechadura.” (QUEIRÓS, 1995, p. 23).

Refletindo os saberes partilhados entre avós e netos, a produção de Queirós chama atenção para algo específico, que não passa despercebido ao leitor: o amor pelas palavras, como herança de seu avô.

As setenta e cinco páginas produzidas por Queirós em 1995 foram “altamente recomendáveis pela FNLIJ” e conquistaram o Prêmio Orígenes Lessa. Além de constituir o acervo do PNBE, sua obra também foi selecionada para o Projeto Cantinho de Leitura e para o Programa Nacional Salas de Leitura Bibliotecas Escolares, pela Fundação para Desenvolvimento da Educação (FDE), por meio do Governo do Estado de São Paulo, e também escolhido para compor o Kit Escolar 2009 da prefeitura de Belo Horizonte<sup>1</sup>.

A história de Joaquim e seu neto ainda conquistou duas versões para o teatro no ano de 2012, sendo ambas as companhias, Nathália Marçal e Atrás do Pano, de Belo Horizonte (MG), cidade natal do autor. Os espetáculos foram estrelados em Minas Gerais e Rio de Janeiro e contaram com apoio financeiro federal e estadual com captação de quinhentos mil reais<sup>2</sup>.

Convém destacar que a obra que tem sua capa produzida pelo ilustrador Paulo Bernardo Vaz, no entanto, não possui imagens em seu interior. Trata-se uma narrativa completamente descritiva, onde Queirós esmiúça, com tamanha precisão, cada detalhe da casa e, logo, da história cuja ilustração é inteiramente dispensável.

A história se passa no interior de Minas Gerais, precisamente na casa dos avós paternos, Joaquim e Maria, onde o narrador/autor descreve sua infância. Sua chegada marca um evento doloroso, a morte da mãe: “Ela morreu de uma doença comprida e gemia no fundo do sonho da gente. Choveu muito, no dia do enterro.” (QUEIRÓS, 1995, p. 31). Sendo o pai caminhoneiro, e não podendo tomar conta do filho devido a suas viagens, a criança, então, fica sob responsabilidade dos avós.

Apesar disso, não há indícios durante a narrativa de tristeza ou dor. A vida ao lado dos avós era confortável e dinâmica. Os avós, que há muitos anos haviam tirado a sorte grande no jogo, nunca mais trabalharam. Desse modo, dispunham de todo o tempo: “Ganhou a sorte grande na loteria. Adquiriu essa casa com tantas janelas e portas abrindo direto para a rua, com três degraus. Por causa do catecismo apelidei os degraus de Pai, Filho e Espírito Santo. Cada vez, ao sair ou entrar, eu pensava na Santíssima Trindade.” (QUEIRÓS, 1995, p. 8).

O autor inicia, assim, a descrição da casa, cenário de toda a história:

O café, colhido no quintal da casa, dava para o ano todo, gabava meu avô, espalhando a colheita pelo chão de terreiro, para secar. O quintal se estendia para muito depois do olhar, acordando surpresa em cada sobra [...] O aroma do café se espalhava pela casa, despertando a vontade de mastigar queijo, saborear bolo de fubá, comer biscoito de polvilho [...] Na porta da casa, nesse meio da tarde, passava alguém oferecendo quitanda para o café das duas. Minha avó, coado o café, deixava o bule e a cafeteira sobre a mesa forrada com toalha de ponto cruz, e esperava as quitadeiras (QUEIRÓS, 1995, p. 42).

<sup>1</sup> Para saber mais, a matéria publicada pela editora RHJ encontra-se disponível em: <http://www.editorarhj.com.br/livros/348>. Acesso em: 20 fev. 2016.

<sup>2</sup> Para saber mais, a matéria publicada encontra-se disponível em: <http://www.hojeemdia.com.br/almanaque/teatro-e-danca/por-parte-de-pai-livro-de-bartolomeu-campos-de-queiros-inspira-duas-montagens-1.4449>. Acesso em: 20 fev. 2016.

Queirós (1995, p. 49) assim continua: “Atrás da horta havia um chiqueiro onde três ou quatro porcos dormiam e comiam, sem desconfiar do futuro [...] Vinha então o trabalho de abrir e separar as carnes para durar o mês inteiro. Aproveitava-se tudo do porco.”

De modo muito sutil e delicado, o autor descreve a estrutura física da casa, sua amplitude, com quintal vasto contendo hortas, chiqueiros e bananais. Suas várias e grandes janelas garantiam não apenas um ambiente arejado, mas também a observação de todo o movimento da cidade, haja vista que a porta e as janelas davam para a rua, que, por sua vez, era lugar de diversão e brincadeiras:

Eu brincava na rua, procurando o além dos olhos [...] Meu avô pela janela, me vigiava ou me abençoava, até hoje não sei, com seu olhar espantado de quem vê cada coisa pela primeira vez. E aqueles que por ali passavam lhe cumprimentavam: “Oi, seu Queiróz”. Ele respondia e rimava: “Tem dó de nós”. (QUEIRÓS, 1995, p. 20-21).

Assim, toda a descrição física feita da casa dos avós pelo narrador/autor serve ainda para situar o leitor no tempo e no espaço onde se passa a narrativa. Por meio dos detalhes é possível perceber o grupo social ao qual pertenciam, as condições sociais que possuíam, bem como a época em que se passa a história.

Corroborando, mais uma vez, a escrita de Ecléa Bosi (1987), referente a um ambiente acolhedor. De forma muito poética e detalhista, Queirós (1995) demonstra que a casa dos seus avós paternos lhe proporciona esse conforto. Esse espaço, para Bosi (1987), é fundamental para um aprendizado mais proficiente, sobretudo para o leitor em formação.

Não obstante, toda a casa renderia um capítulo à parte, uma vez que há um diferencial nela – as palavras:

Todo acontecimento da cidade, da casa, da casa do vizinho, meu avô escrevia nas paredes. Quem casou, morreu, fugiu, caiu, matou, traiu, comprou, juntou, chegou, partiu. Coisas simples como a agulha perdida no buraco do assoalho, ele escrevia. A história do açúcar sumido durante a guerra estava anotada. Eu não sabia por que os soldados tinham tanta coisa a adoçar. Também desenhava tesouras desaparecidas, serrotes sem dentes, facas perdidas. E a casa, de corredor comprido, ia ficando bordada, estampada de cima a baixo. As paredes eram o caderno do meu avô. Cada quarto, cada sala, cada cômodo, uma página. Ele subia em cadeira, trepava em escada, ajoelhava na mesa. Para cada notícia escolhia um canto. Conversa mais indecente, ele escrevia bem no alto. Era preciso ser grande para ler, ou aproveitar quando não tinha ninguém em casa. Caso de vistas, ele anotava o dia, a hora, o assunto ou a falta de assunto. Nada ficava no esquecimento, em vaga lembrança. (QUEIRÓS, 1995, p. 10-11).

Meu avô [...] continuava a escrever pelas paredes. Não, não era um livro de horrores, a casa do meu avô. Contava caso de trapezista de circo desrespeitando moça assanhada de família; caso de virgem da pia união das filhas de Maria, apaixonada pelo padre missionário visitante da cidade, convertendo almas pecadoras. Até milagre, como o da imagem de Sant’Ana, chorando, e as lágrimas curando verrugas, na capela do Senhor Bom Jesus, da rua da Paciência, estava registrado. (QUEIRÓS, 1995, p. 13).



Desse modo, o amor do avô pelas palavras permitiu o fascínio do neto por aquele mundo até então por ele desconhecido. Ele desejava ler o que o avô escrevia nas paredes, principalmente nas partes mais altas onde ainda não poderia alcançar: “Enquanto ele escrevia, eu inventava histórias sobre cada pedaço da parede. A casa do meu avô foi o meu primeiro livro. Até história de assombração tinha.” (QUEIRÓS, 1995, p. 12).

Para o neto, o ato de escrita do avô era uma coisa muito séria e importante. Escrever era perpetuar um acontecimento, nunca mais esquecê-lo: “História não faltava. Eu mesmo só parei de urinar na cama quando meu avô ameaçou escrever na parede. O medo me curou. Leitura era coisa séria e escrever, mais ainda. O pior é que, depois de ler, ninguém mais esquece, se for coisa de interesse.” (QUEIRÓS, 1995, p. 14).

Por conseguinte, a cada nova escrita crescia a admiração do neto que exibia orgulhoso o avô: “E todos os meninos sentiam inveja do meu avô, assim calmo e sem ãos.” (QUEIRÓS, 1995, p. 9). Intrigava ainda ao neto não apenas o conteúdo das histórias eternizadas nas paredes da casa, mas o modo como seu avô as escrevia:

Joaquim tinha uma letra bonita. Parecia com escrita fechada em livro de cartório antigo. Letra de certidão de nascimento, guardada em baú de lata em cima do armário [...] Letra alta, tombada para a direita, quase deitando, mas sem preguiça. Letra farta, cheia de dois efes, dois emes, dois pês. (QUEIRÓS, 1995, p. 10).

Assim, por meio das palavras, crescia e se fortalecia a relação entre ambos. Para o neto, já não era mais possível distinguir o avô de sua escrita e suas histórias como um elo inseparável. Para o autor, seu avô era exímio escritor, enquanto ele era seu leitor resignado e entusiasmado:

Apreciava meu avô e sua maneira de não deixar as palavras se perderem. Sua letra, no meio da noite, era a única presença viva, acordada comigo. Cada sílaba um carinho, um capricho penetrando pelos olhos até o passado. Meu avô pregava todas as palavras na parede, com lápis quadrado de carpinteiro, sem separar as mentiras das verdades. Tudo era possível para ele e suas letras. (QUEIRÓS, 1995, p. 18-19).  
Meu avô apreciava o meu jeito de dizer tudo a ele, no pé do ouvido, escondido. Pelas suas respostas, meu avô não entendia muito bem o que cochicho e me pedia para contar de novo. Ele devia confundir segredo com beijo, eu suspeitava. Minha alegria era quando Maria dizia estar eu grudado no Joaquim, como unha e carne. Daí ela completava: mais dia, menos dia... e parava no meio. Era um jeito seu, deixar as coisas para depois. (QUEIRÓS, 1995, p. 33).

Crescia a apreciação do neto pelo avô, bem como do avô por seu neto. A escrita e a leitura não apenas os uniram, mas também fortaleceram os laços consanguíneos que os ligariam para sempre. Cada novo enredo intensificava essa relação que, para eles, já ultrapassava os limites da escrita. Eram mais que amigos, eram confidentes. Agora, dividiam mais que histórias, partilhavam a vida: “Meu avô nunca falou de grupo escolar, tabuada, ditado, leitura silenciosa, prova, castigo. Falava de um mestre-escola, de colete e gravata-borboleta.” (QUEIRÓS, 1995, p.10).

Para meu avô eu repetia, em casa, as histórias das calmarias, do Cabo das Tormentas. E como um bom aluno ele me escutava, sem pestanejar, duvidando, eu sei, dos movimentos de rotação ou translação. Ele sabia ler as estações, as fases da Lua, o sentido dos girassóis na cerca de bambu. Depois ele me tomava as lições ou me pedia para escrever até 100 ou até 1000, pelo prazer de me ver mordendo a língua, o esforço de não saltar nem um número [...] E meus colegas elogiavam a minha atenção, enquanto meu avô me ensinava, junto com a escola, a saldar a vida. (QUEIRÓS, 1995, p. 40-41).

Essas citações exemplificam a coeducação de gerações definida por Paulo de Salles Oliveira (1999). É possível observar, por meio da descrição, como ele e seu avô estabeleciam relações igualitárias, compartilhando seus saberes um com o outro sem divisões hierárquicas, o que garantia ao menino melhor aprendizagem: “E meus colegas elogiavam a minha atenção, enquanto meu avô me ensinava, junto com a escola, a saldar a vida.” (QUEIRÓS, 1995, p. 41), demonstrando que sabiamente o avô conseguia unir aprendizagem e diversão:

Meu avô cortava talo de mamona e me mostrava como ficar com a cabeça no fundo da banheira, respirando pelo canudinho. Assim, eu fechava os olhos e sumia. Ele me gritava, perguntava minha avó por mim e ninguém me encontrava. Tudo de mentira. A gente fingia para alegrar meu avô. Mas ele só dava meio sorriso, nunca uma risada inteira. (QUEIRÓS, 1995, p. 56).

Homem de poucas palavras, Joaquim ensinava ao neto diariamente e na prática a ver a vida com olhos simples, mas que muito veem: “Usava todas as janelas da casa, sempre surpreso, descobrindo uma nova cor, um novo vento, uma nova lembrança.” (QUEIRÓS, 1995, p. 25). Também ensinava a saborear os acontecimentos por meio das palavras: “Se eu já sabia decifrar a língua dos dromedários, agora, com meu avô, aprendia a dizer uma coisa para valer outra [...] As palavras têm muitos gostos - pensava - e era impossível saber seus sabores verdadeiros.” (QUEIRÓS, 1995, p. 63). Os olhos de descoberta do avô, de “[...] como quem vê tudo pela primeira vez [...]”, eram janelas abertas para um aprendizado constante:

Havia tanto mundo para ver, dava até preguiça, dizia ele. Uma coisa meu avô sabia fazer: olhar. Passava horas reparando o mundo. Às vezes encarava um ponto no vazio e só desgrudava quando transformava tudo em palavras nas paredes. Ele não via só com os olhos. Via com o silêncio. (QUEIRÓS, 1995, p. 25).

O silêncio do avô, no entanto, era quebrado pelo muito barulho da avó. Maria era o oposto de Joaquim; “Ao contrário do Joaquim, Maria não gostava de silêncio.” (QUEIRÓS, 1995, p. 37). O tempo inteiro conversava, resmungava. Falava com a alma da Maria Turum ou com o filho mais novo falecido; passava o dia falando sozinha, era supersticiosa, prática: “[...] minha avó - capaz de travar conversa com as almas do outro mundo; de não deixar meu avô dormir de meias para não chamar a morte; de jogar sal no fogo para espantar visita demorada.” (QUEIRÓZ, 1996, p.15-16). Sempre muito atarefada, andando de um lado para o outro dentro e fora de casa: “Minha avó estava sempre pagando uma visita, trocando uma receita, de-

volvendo um copo de açúcar, rezando uma novena, ajudando um doente, num entra-e-sai sem fim. Maria parece que comeu canela de cachorro, comentava meu avô.” (QUEIRÓS, 1995, p. 26).

Não obstante, o grande alarido produzido pela avó interessava ao menino. Era ela a responsável pela contação de histórias. Eram narrativas de quando menina, de pessoas conhecidas, de causos que ela ouvira falar e também dos clássicos por todos conhecidos que, por meio de sua voz, ganhavam novos ares, reinventadas edições que ela recontava e que o neto ouvia incansavelmente. Para Benjamin (1983, p. 9), contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo. Assim, para o neto as histórias da avó sempre ganhavam ares novos a cada recontar:

Minha avó colocava o urinol em cima da cama. Assentava e cobria tudo com sua saia de noite. Nos chamava para perto e se punha a recordar histórias. Eu reclamava pelo caso do menino, sem educação vivendo em um caixote e sendo levado, pela enchente. Não, não era Moisés da Bíblia, um livro grosso que meu avô lia e relia sem acabar nunca. Era o filho de uma conhecida [...] Eu nunca sabia se minha avó ficava emocionada quando sua voz mudava durante as histórias. Ela contava também sobre a vida dos santos [...] Se ninguém queria ouvir suas histórias, minha avó se punha a cantar a canção de Juliana [...] Meu avô, sem se dar conta, vinha se assentar junto de nós e escutava, com admiração, minha avó nos encantar com rainhas, deusas, mancebos, heróis cheios de brilhos e vitórias. Com olhar embaçado, ele parecia saber de outras histórias, mas não contava por cuidado. (QUEIRÓS, 1995, p. 39).

Concomitantemente, e por sua vez, opostos Maria e Joaquim sem perceber, ensinavam ao neto uma lição fulcral: a cumplicidade. O neto, atento observador como seu avô, percebia, no olhar do idoso, seus cuidados desajeitados para com a avó: “Na hora de voltar, ele trazia, se equilibrando pelos caminhos, uma lata de areia para minha avó arear as panelas de ferro [...] era a maneira encontrada para presentear a mulher.” (QUEIRÓS, 1995, p. 43). Também o companheirismo silencioso que os unia: “Meus avós trabalharam nela [a fábrica], sem muitos embaraços. Escolheram o mesmo horário para dormir e acordar juntos, contavam.” (QUEIRÓS, 1995, p. 7-8).

Assim, a admiração e a aprendizagem do neto aumentavam a cada dia. Todavia, algo ameaça ruir as sólidas estruturas do lar do garoto. Seu amor e cumplicidade pelos avós era tão grande, sobretudo pelo avô, que sua fértil imaginação infantil temia que ele, de alguma maneira, não pudesse ser, de fato, seu neto:

Um dia o Padre Libério me benzeu. Eu andava escutando barulhos fora de hora, vendo vultos vestidos de branco no quintal. Só podia ser o demônio me atentando, dizia minha avó. Na época cismeiei não ser filho do meu pai. Meu avô sabia da minha aflição e afirmava que meu pai, era meu pai. Todo mundo tem pai, me explicava. (QUEIRÓS, 1995, p. 16).

De modo muito prático, a avó sempre resolvia a situação. Bastava uma boa reza ou bênção. No entanto, a cumplicidade e uma sensibilidade desajeitada do avô contornavam o dilema. Mas para o menino a questão era muito mais complexa: “Não ser filho do meu pai era perder meu avô. O pesar estava aí. E se isso

estivesse escrito no teto, em alguma parte bem alta da casa onde eu só pudesse ler depois de grande?” (QUEIRÓS, 1995, p. 18-19):

O medo me apanhava. Eu carregava comigo um sentimento de ser órfão. Meu irmão mais velho desconfiava, e me levava para ficar com ele durante o banho e afirmava ser meu segundo pai. Mas meu irmão só aparecia de vez em quando, entre uma viagem e outra, já ajudando a família. Isso não me tranquilizava. Tudo era muito distante, parecia cinema. Eu me esforçava para compreender, para ver as coisas do outro lado. O mundo era complicado, enrolado, mal-acabado, difícil de achar o início. (QUEIRÓS, 1995, p. 37).

Novamente, a solução estava na casa do avô. Esse ambiente acolhedor, habitado pelas palavras, histórias e leituras, cujas portas e janelas eram passagens mágicas para um mundo de aprendizagem, ao mesmo tempo que era o seu porto seguro, seu abrigo: “Então, procurava distrair meu pavor decifrando os escritos na parede, no canto da cama, tão perto de mim. Mas era minha a dificuldade de acomodar as coisas dentro de mim. Sobrava sempre um pedaço.” (QUEIRÓS, 1995, p. 18). Assim, a garantia do amor do avô era sempre seu consolo e o medo de perdê-lo sua eterna aflição:

Fui feito para pensar além do devido - falava eu - apertando os olhos para esquecer, apagar, anular tudo. Depois, a palavra caía no meu ouvido e levava dias para doer. Eu tinha o amor do meu avô, e para que mais? Seu carinho me encharcava os olhos quando me oferecia dinheiro, um tostão por fio, para arrancar seus cabelos brancos. Ele gostava era da minha mão de neto, passeando sobre ele, mansa, eu sabia. Ser ou não ser grisalho era outra coisa. E se a tristeza ameaça meu avô - eu lia isso nas rugas de sua testa ou no arco das sobrancelhas - eu me oferecia, de graça, para catar alguns fios a mais, zelosamente. (QUEIRÓS, 1995, p. 20).

De fato, não eram sem motivos os temores do neto. Ele sabia que, em nenhum outro lugar do mundo, estaria tão protegido, bem cuidado, acolhido como na casa de seu avô. Assim como dona Benta, Joaquim era um avô “sem nãos”, e essa ausência de censuras conferia ao neto uma liberdade permeada de proteção que ele jamais encontraria em outro lugar:

Aos avós não cabe a tarefa definida da educação do neto: o tempo que lhes é concedido de convívio se entretém de carícias, histórias e brincadeiras. A ordem social se inverte: dos armários saem coisas doces fora de hora, o presente já não interessa, pois nem o netinho, nem os velhos atuam sobre ele, tudo se volta para o passado ou para um futuro que remonta ao passado: “Você, quando crescer, será como o vovô, que na sua idade também brincava de escrever...” (BOSI, 1987, p. 32).

Na casa de Joaquim, o tempo passava devagar assim como os seus passos. Para o neto, não bastava a presença física do avô, as palavras dele pelas paredes lhe abraçavam durante a noite, nunca se sentindo sozinho. Compreendia que muito barulho havia no silêncio zeloso do seu avô:

Engraçado, na casa do meu avô eu não sentia sede, nem de madrugada, quando os galos me acordavam junto com a manhã e eu ficava esperando o cheiro do café me tirar da cama. No meio da noite, se a tempestade rompia o silêncio do escuro, meu avô vinha até meu quarto. Abria a porta de manso, para verificar se a chuva de vento não estava entrando pela janela, e benzia meus sonhos. Então, com a mão muito branda, arrumava meus lençóis e deixava um recado em minha testa, uma certa bênção leve como os gatos. Também meu avô era econômico nos carinhos e tímido nos gestos. (QUEIRÓS, 1995, p. 54).

Os dias, no entanto, trouxeram o triste acontecimento: Maria, a avó, sofre um derrame na cozinha e faticamente bate a cabeça no machado afiado junto à pia. O avô, Joaquim, encontrou a mulher ensanguentada na cozinha. Os médicos lhe garantiram vida, mas nunca mais a avó tornou a ser falante novamente:

Ela já não fazia mais nada. Não lavava nem passava. Cozinhar, nem pensar. Trocava o sal pelo açúcar. Esquecia a dentadura o dia inteiro dentro do copo d'água, no quarto. Os óculos Ray Ban ficavam olhando aquele sorriso afogado. Meu avô reparava em tudo com um olhar apagado e enfeitado com rugas. (QUEIRÓS, 1995, p. 61).

Assim, a doença da avó mudou drasticamente a rotina da casa e a vida do menino e do avô. Ela e a casa necessitavam de cuidados que ambos não poderiam fornecer, o avô, por já estar muito fraco devido à idade, e o neto, por ser pequeno demais. Desse modo, por meio da escrita de Queirós, retomamos, mais uma vez, o diálogo com as teorias discutidas por Bosi (1987), Delácio (1988), Ariès (1981) e Silva (2010): o papel social do velho e da criança na sociedade capitalista. Uma vez que, estando estes na primeira e na última faixa etária da vida, são considerados novos demais para algumas funções, enquanto que velhos demais para outras. Tanto o neto quanto seu avô se descobrem inoperantes diante da enfermidade da avó:

A doença de minha avó me deixou meio sem jeito. Se eu era menino esperto e ladino conforme diziam, eu me sentia não servindo para nada, empalhando a casa. Assentado na beira da cama olhava para aqueles pés antigos do lado de fora do cobertor, sem meias e sem perigo de morte. Minha tia veio para ajudar na casa, fazendo comida para três inválidos, segundo ela [...] Desde a queda de minha avó, passei a achar o Joaquim desgostoso. Debruçado na janela da cozinha, engolia os desaforos da filha, muito orgulhosa. Entre a paciência e a preguiça, com olhar enfasiado ele me pedia para não crescer. Filho criado é trabalho dobrado, repetia sempre que minha tia resmungava. (QUEIRÓS, 1995, p. 57-58).

A tristeza do avô estava diretamente ligada à enfermidade da avó, e ele, enquanto neto, sentia-se impotente e indefeso por não poder ser o consolo ou a solução do seu avô como, por muitas vezes, este lhe fora. De qualquer modo, mesmo nas adversidades, na casa do avô tudo era aprendido e até mesmo o silêncio lhe ensinava algo:

Como minha avó eu precisava me manter entretido, espantando as perguntas silenciosas. Meu avô, não. Ele enfrentava o silêncio com a

maior coragem. Ficava horas se machucando com ideias. Depois amarrava tudo em frase na parede: “Não existe sete vidas nem sete fôlegos. Tudo acaba em sete palmos”; “Maria tomou um santo remédio: uma machada na cabeça”; “Deus é corcunda: dá a vida e toma”. (QUEIRÓS, 1995, p. 59).

Mais uma vez, as palavras eram o escape para aliviar a dor, para dar esperança e, sobretudo, forças. O avô há muito já havia ensinado ao neto a ser forte. Agora o menino vivenciava na prática os ensinamentos do avô amigo: “Meu avô me ensinou desde muito pequeno a não chorar. Choro não era coisa de homem. Nunca vi uma lágrima em seus olhos. Mesmo com o filho morto, me contaram, ele não verteu uma lágrima. Homem forte, diziam, era meu avô.” (QUEIRÓS, 1995, p. 55).

Desse modo, ambos, avô e neto, encontram-se dependentes dos cuidados da tia, que lhes oprimiam em suas limitações. A filha de Joaquim pode ainda ser tomada como exemplo de opressora, uma vez que, precisando tomar conta do pai e, conseqüentemente do sobrinho, os hostiliza. Para Bosi (1987, p. 16), nossa sociedade se porta de maneira semelhante:

Como se realiza a opressão na velhice? De múltiplas maneiras, algumas explicitamente brutais, outras tacitamente permitidas. Oprime-se o velho por intermédio de mecanismos institucionais visíveis (a burocracia da aposentadoria e dos asilos), por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis (a tutela, a recusa do diálogo e da reciprocidade que forcem o velho a comportamentos repetitivos e monótonos, a tolerância de má fé que, na realidade, é banimento e discriminação), por mecanismos técnicos (as próteses e a precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las), por mecanismos científicos (as “pesquisas” que demonstram a incapacidade e a incompetência sociais do velho).

A hostilização por parte da tia permitiu ao menino prever que não teria a companhia de seu avô para sempre, como planejava. Sentia que isso já não estava mais sob seu controle, bem como do avô:

Meu pai não falava em me levar de volta, e da casa de meu avô eu estava sendo expulso, lentamente. Comecei a passear pelas ruas com o José meu primo. Meu avô já não perguntava sobre minhas demoras nem sobre as minhas andanças, lá pelos lados da Lavagem ou da estrada de ferro. E quando tudo ficava sem saída, eu encontrava uma peninha no galinheiro ou um raminho da tiririca e me fazia cócegas no ouvido, no nariz, na sola dos pés, lembrando do Jeremias ou espantando a tristeza. (QUEIRÓS, 1995, p. 66).

Assim, para espantar a solidão dos dias, o neto se autoacariciava lembrando seus dias junto a Jeremias, seu galo de estimação que a avó cozinhou no dia anterior ao eclipse. Não culpava a avó pela morte de galo, como também não culpava seu avô pela ausência. Sabia que isso não era proposital e igualmente ambos nada poderiam fazer para alterar o quadro em que estavam instalados. Revisitava as memórias como refúgio e nelas se aquecia outra vez:

Os anos lixaram a madeira do banco na porta da cozinha [...] Por muitas vezes eu me assentava nele enquanto meu coração me perguntava um

monte de porquês silenciosos [...] Meu avô me convidou, naquela tarde, para me assentar ao seu lado nesse banco cansado. Pegou minha mão e, sem tirar os olhos do horizonte, me contou: O tempo tem uma boca imensa. Com sua boca do tamanho da eternidade ele vai devorando tudo, sem piedade [...] E nós, meu neto, estamos marchando na direção do tempo. Meu avô foi abaixando a cabeça e seus olhos tocaram em nossas mãos entrelaçadas. Eu achei serem pingos de chuva as gotas rolando sobre meus dedos, mas a noite estava clara, como tudo mais. (QUEIRÓS, 1995, p. 71-72).

As palavras do avô preparam o neto para o que estava por vir: a partida. O avô, que ensinou o menino a não chorar e que não verteu suas lágrimas mesmo diante do corpo do filho, chorou ao ver o neto partir junto ao seu pai, pois entendia que parte de si partia junto a ele. Como descrever a ausência do neto nas paredes? Palavra povoa, e tudo agora era silêncio e solidão.

Meu pai chegou no meio da tarde, vestido de desânimo. Encostou o caminhão em frente da casa. Enrolei minhas poucas coisas sem deixar os cadernos e as cartilhas já decoradas. Esqueci de mim mesmo, debaixo do travesseiro, a caixa de lápis de cor. Passei os olhos pelas paredes conferindo as páginas e minha memória. Eu sabia cada pedaço, cada margem, cada entrelinha desse livro. (QUEIRÓS, 1995, p. 72-73).

Como podemos observar, a narrativa de Bartolomeu Campos Queirós descreve um amor calado, uma relação de cumplicidade e aprendizagem mútua entre avô e neto. Cada cômodo da casa era um capítulo da história de vida de ambos. Cada parede era uma página inteira de histórias incríveis, e o quintal era um reino onde o avô reinava absoluto de modo amoroso sem saber que seu neto era seu súdito admirador.

No entanto, as circunstâncias da vida que os separaram, jamais seriam mais fortes que o elo entre eles: as palavras. Elas que tudo transmitem, nomeiam, atribuem cor, vida, sabor. Elas, as palavras, os acompanhariam para sempre.

Portanto, por meio da doce escrita de Queirós, que tão poeticamente retrata sua infância na companhia de seus avós, sobretudo a forte e notória relevância do avô, é possível mais uma vez discutir as teorias que norteiam essa escritas propostas por Bosi (1987), uma vez que todo o enredo perpassa a morada dos avós, salientando que este é um ambiente acolhedor, haja vista que esse lugar favorável proposto pela autora envolve todas as características descritas por Bartolomeu: a cumplicidade dos avós entre si, a relação igualitária e democrática entre o neto e os avós e a partilha de saber entre os idosos e a criança, sobretudo entre o neto e Joaquim, e, dessa maneira, fica nítida a segurança que o neto sentia sob os cuidados do avô.

Igualmente, a teoria proposta por Oliveira (1999), no que tange a todo o conhecimento partilhado entre o idoso e a criança, corroboram as discussões travadas até o presente momento, tendo em vista que, em várias partes da narrativa, o autor/personagem deixa claro que sua facilidade em aprender era fruto dos ensinamentos diários do avô, e este, enquanto neto, também partilhava o que aprendia na escola com o idoso diariamente.

Assim sendo, contrariamente à obra de Lobato, que se mantém atual mesmo datada de 1931, a escrita de Queirós fornece-nos uma viagem no tempo, capaz de

resgatar, com tamanha riqueza e precisão de detalhes, um tempo que não volta mais e que, independentemente da idade do leitor, faz com que este consiga identificar as características de anos passados, fartos de lembranças.

Segundo Bosi (1987, p. 40), a função do velho é lembrar: “Mas o ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens.” Os idosos são os guardiões do passado, e, nesse sentido, Joaquim cumpre bem seu papel, uma vez que perpetua suas memórias nas paredes da própria casa, ligando o que se passou ao porvir, eternizando física e psicologicamente as reminiscências de sua vida e da infância de seu neto.

Queirós guia-nos por meio de suas palavras até as suas lembranças, permitindo que a Literatura Infantil represente mais uma vez os fortes laços entre avós e netos.

## 4 CONCLUSÃO

Pensar a relevância da leitura em nossa sociedade e, por conseguinte, a presença fulcral de políticas públicas de leitura que proporcionem acesso aos livros por meio de iniciativas como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) é fundamental.

Desse modo, almejávamos tratar não apenas da importância da relação de avó e netos, mas também do papel destes avós como mediadores de leitura. Para isso, o primeiro capítulo desta pesquisa percorreu caminhos possíveis para averiguar essa mediação, como o contar de histórias, uma vez que a oralidade vem de tradição milenar que fomenta a sede de novas narrativas e, assim, partindo do pressuposto de que uma história puxa a outra, formar um novo leitor.

Uma vez refletindo sobre a inferiorização de tudo o que está ligado à criança e ao idoso, discutimos o papel social destes em nosso país e como eles vêm sendo representados em nossa Literatura Infantil, encerrando nosso segundo capítulo demonstrando o papel social que idosos e crianças vêm exercendo na sociedade, como vem crescendo a literatura produzida para esse público e a escassez de obras com a temática avós e netos no mercado.

Atingimos nosso objetivo: representar, por meio da escrita de autores consagrados, o benefício da convivência entre avós e netos, como propôs Oliveira (1999), como essas gerações tão distintas entre si podem e devem estabelecer relações igualitárias, compartilhando aprendizados, educando-se mutuamente.

As análises comprovam as reflexões de Bosi (1987) referentes ao ambiente acolhedor, que é a casa desses avós e como um lugar assim pode propiciar novas aprendizagens e a formação de novos leitores.

Aqui, almejamos, por meio de nossa pesquisa, discutir uma sociedade mais democrática onde faixas etárias tão distintas entre si sejam capazes de construir elos igualitários e duradouros.

Salientamos ainda a extrema importância das políticas públicas que garantem acesso a obras literárias que, como essas, despertam nosso olhar para uma sociedade mais justa, mais igualitária, mais humana.

Por fim, desejamos estabelecer diálogos com outros pesquisadores que, como nós, são capazes de enxergar a beleza e a pureza da relação entre avós e netos. Essa relação é mais forte que o tempo e mais intrínseca que os laços sanguíneos.



Almejamos que esta pesquisa seja canal profícuo para que o papel social do idoso e da criança seja repensado em nossa sociedade trabalhista, para que mais avós tenham a oportunidade de ter mais tempo com seus netos, contando e recon-tando histórias. Que esses netos tornem-se leitores e que sejam pontes media-doras a seus netos, que leram para seus netos e netos, formando assim uma rede de leitores que semeiam a leitura.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. O narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskow. *In*: BENJAMIN, W. *Horkheimer, Adorno e Habermas*: textos escolhidos. São Paulo: Abril, 1983.
- BOSI, E. *Memória e sociedade*: lembrança de velhos. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BRAS, L. Literatura infantil: apenas para menores? *Revista Ponto*. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://revistaponto.com.br/literatura/literatura-infantil- apenas-para-menores/>. Acesso em: 3 jul. 2021.
- OLIVEIRA, P. S. *Vidas compartilhadas*: cultura e coeducação de gerações na vida cotidiana. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1999.
- QUEIRÓS, B. C. *Por parte de pai*. Ilustração de Paulo Bernardo Vaz. Belo Horizonte: RHJ, 2011.
- VEIGA, J. J. *Os cavalinhos de Platiplanto*. 17 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A., 1988.

Recebido em: 3 ago. 2017

Aceito em: 30 out. 2018